

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ADMINISTRATIVAS
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO**

THAIS SANTOS COSTA

**OS PROCESSOS SIMBÓLICOS E DE IDENTIFICAÇÃO COM A
ANCESTRALIDADE AFRO: AS TRANÇAS, AS TRANCISTAS E OS SALÕES
AFRO**

PORTO ALEGRE

2022

THAIS SANTOS COSTA

**OS PROCESSOS SIMBÓLICOS E DE IDENTIFICAÇÃO COM A
ANCESTRALIDADE AFRO: AS TRANÇAS, AS TRANCISTAS E OS SALÕES
AFRO**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado à Escola de Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Administração.

Orientadora: Profª Drª Maria Tereza Flores-Pereira

PORTO ALEGRE

2022

**OS PROCESSOS SIMBÓLICOS E DE IDENTIFICAÇÃO COM A
ANCESTRALIDADE AFRO: AS TRANÇAS, AS TRANCISTAS E OS SALÕES
AFRO**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação
apresentado à Escola de Administração da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul como requisito para a
obtenção do grau de Bacharel em Administração.

APROVADO EM __/__/__

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Maria Tereza Flores-Pereira – Orientadora (EA/UFRGS)

Profª Drª Josiane Silva de Oliveira – (PPG/UEM)

Profª Rosana Córdova Guimarães – (EA/UFRGS)

Exu matou um pássaro ontem com uma pedra que só jogou hoje, esse trabalho é dedicado a todas as mulheres negras que sonharam este sonho muito antes da minha chegada.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar gostaria de agradecer a minha maior referência de amor próprio, de olhar pra si como espelho ancestral, a dona do meu Ori, minha Orixá Oxum, 2022 foi um ano conturbado pra mim e no meio de um furacão conheci a calmaria das águas doces dessa mãe, foi do ouro de Oxum que me reergui e hoje posso estar aqui falando da construção de amor pela minha negritude.

Gostaria de agradecer também a minha mãe, dona Carmem, a mulher que me ensinou tudo sobre amor, liberdade e luta, a mulher que sempre teve toda a compreensão do mundo e me apoio em todas as minhas possibilidades, mãe obrigada por acreditar em mim quando nem eu acreditei. Teus ensinamentos me fizeram ver que posso ser o que eu quiser e que mulher negra pode (e precisa) ser feliz, essa vitória é NOSSA.

Agradeço também a minha vó Noeli que me deu tudo que poderia dar dentro da sua realidade e que me deixará a maior herança que alguém pode receber: nossa religião e o amor infinito dos Orixás.

Também quero agradecer a minha afilhada, Eduarda, que com seus três meses me ensinou muito sobre responsabilidade e que me dará a oportunidade de construir, juntamente com seus pais, uma história diferente para sua infância negra.

Este trabalho foi produzido através de muitas vozes de mulheres negras e a elas agradeço a confiança em compartilharem comigo suas histórias e tornarem este trabalho de conclusão um espaço de troca, memórias e afetividade.

Agradeço aos meus ancestrais que tanto fizeram para que eu tivesse o direito de estudar e construir um futuro livre de qualquer imposição.

Aos movimentos sociais que me acolheram e constantemente curam as feridas que já tive nessa vida.

Agradeço as instituições públicas de educação que me formaram desde a infância até este momento.

E por fim não poderia finalizar esses agradecimentos sem deixar minha mensagem de gratidão a professora que tornou tudo isso real, Obrigada Prof^a Maria

Tereza, foi uma grande felicidade te encontrar na cadeira de Cultura e Identidade, seus ensinamentos, palavras de calma e acolhimento tornaram esse momento possível, obrigada por me incentivar e principalmente por permitir que eu trouxesse as mulheres negras para a sala de aula.

RESUMO

Na presente monografia trabalho a ideia das tranças, as trancistas e os salões afro como elementos simbólicos que constroem a identidade de mulheres negras, através desses olhares para a corporeidade negra, o cabelo e o penteado têm início um processo de construção social e referencial identitário dessas mulheres com a ancestralidade negra. O objetivo deste trabalho é a partir dos conceitos de Identidade Social perceber padrões identitários e estéticos dos trançados, das trancistas e dos salões, suas interpretações e como mulheres negras atribuem significados a esses elementos na construção da sua própria identidade. Para atingir os objetivos aqui propostos a pesquisa se baseou na abordagem qualitativa, realizando entrevistas semiestruturadas com seis mulheres negras que utilizam tranças e frequentam salões exclusivos para trançar cabelos. Ao analisar as vivências dessas mulheres, busco compreender os valores e significados que elas atribuem às tranças, à relação com as trancistas e os salões afro. Por meio dessa compreensão, procuro identificar como esses elementos contribuem, ou não, para o processo de identificação com a ancestralidade afro. A partir da análise observei que a memória do trançado com o seio familiar, o amor pelos cabelos desenvolvidos durante a transição capilar, a conexão cultural do espaço físico do salão afro e a relação de afeto com a trancista são os principais elementos que compõem a identificação das mulheres negras com as tranças, as trancistas e os salões.

Palavras-chave: tranças, trancistas, salões afro, identidade.

ABSTRACT

In this monograph, I work on the idea of braids, braiders, and afro salons as symbolic elements that construct the identity of black women. Through these looks at the black corporeality, hair and hairstyle, a process of social construction and identity referential of these women with black ancestry begins. The objective of this work is, based on the concepts of Social Identity, to understand the identity and aesthetic patterns of the braids, braiders, and salons, their interpretations, and how black women attribute meanings to these elements in the construction of their own identity. To achieve the objectives proposed here, the research was based on the qualitative approach, conducting semi-structured interviews with six black women who use braids and go to salons exclusively for braiding hair. By analyzing the experiences of these women, I seek to understand the values and meanings they attribute to braids, to their relationship with braiders, and to the afro salons. Through this understanding, I try to identify how these elements contribute, or not, to the identification process with the Afro ancestry. From the analysis I observed that the memory of braiding with the family, the love for the hair developed during the hair transition, the cultural connection of the physical space of the afro salon, and the affectionate relationship with the braider are the main elements that make up the identification of black women with the braids, the braiders, and the salons.

Keywords: braids, braiders, afro salons, identity.

SUMÁRIO

PRÓLOGO	9
1. INTRODUÇÃO.....	15
2. REFERENCIAL TEÓRICO	17
2.1 IDENTIDADE NEGRA	17
2.2 O CABELO CRESPO COMO SÍMBOLO E IDENTIDADE.....	19
3. MÉTODO	23
4 ANÁLISE	26
4.1 “Minha história com o meu cabelo é complicada”	26
4.2 “A trança de ontem”: a construção de identidade de crianças negras através das tranças.....	28
4.3 Processo de alisamento	30
4.4 O dia que me conheci: o processo de transição capilar e a identidade negra.....	33
4.5 Mudar sem precisar esconder a minha ancestralidade: as tranças como “ferramenta” estética e de identificação.....	36
4.6 Eu me via em tudo ali: os espaços dos salões afro e a identificação	39
4.7 Minha única relação monogâmica é com a minha trancista: a relação entre trancista e mulheres trançadas	42
5. Meu cabelo é minha coroa: Considerações Finais	46
REFERÊNCIAS	50
APÊNDICE	53

PRÓLOGO

Antes de dar início ao trabalho de fato reservei este espaço para me apresentar e falar de mim, então vou contar a minha história através do meu cabelo. Eu sou filha única de uma mulher e um homem negros, isso quer dizer muitas coisas ao mesmo tempo que não diz nada... As minhas duas primeiras lembranças de vida são bem distintas, a primeira lembrança é dos sábados.

Na minha casa os sábados eram sagrados não recebíamos visitas e nem saímos para lugar algum, os sábados eram os dias destinados exclusivamente aos cabelos, um ritual que envolvia uma mesa cheia de cremes, elásticos de cabelo coloridos, minha mãe, eu e as tranças, enquanto ela trançava meus cabelos conversamos sobre a semana, sobre os cabelos ou sobre nada, eram horas e horas destinadas apenas à atividade de trançar meus cabelos para garantir que eles estariam arrumados para a semana.

Durante a semana eu passava metade do dia estudando e a outra metade com a minha vó, uma mulher negra retinta que estudou até a quarta série, segunda filha dos sete de uma lavadeira e um militar aposentado por ter se ferido em combate. Com a minha vó as tardes eram também de muita conversa, mas sempre na rua, minha vó adorava ir a salões de beleza, chás da tarde ou até mesmo para o centro da cidade e sempre me levava junto, nos salões e chás da tarde eu não falava, mas sempre prestava atenção nas conversas que nunca consegui esquecer.

No salão se dizia que as mulheres deveriam andar sempre com as unhas feitas de preferência na cor vermelha, os cabelos deveriam estar lisos com *henê*¹, *pente quente*² e *braun*³. Nos chás da tarde minha vó se reunia com as amigas, todas mulheres negras que participavam dos mesmos grupos sociais, entre as conversas lembro da minha vó sempre me apresentar com orgulho, pois eu nasci com a pele e olhos claros. Lembro das suas amigas ficarem maravilhadas comigo e também lembro delas repetirem de diferentes formas a mesma frase “Você é clara, que sorte! Vai conseguir um bom marido”, e assim foram minhas semanas até meus 9 anos. Quando completei essa idade eu estava na terceira série do ensino fundamental em uma

¹ Produto cosmético que alisa e colore os cabelos de preto.

² Pente de metal que era aquecido no fogão e passado nos cabelos para alisar.

³ Escova modeladora de cabelo.

escola pública do meu bairro, nesse período começaram as percepções de beleza, muitas vezes fomentadas pela própria escola em concursos como “a mais bela prenda”, apesar da grande maioria dos alunos serem negros nessa escola todos os concursos tinham como vencedores alunos brancos.

Exatamente nessa época comecei a receber o tipo de atenção que uma criança não quer receber, as piadas com meu cabelo se tornaram diárias e, mesmo que a contragosto, minha mãe me levou para um salão para alisar o cabelo. O salão ficava em frente ao condomínio que morávamos, a cabelereira era conhecida por todos os moradores e por isso considerada de confiança, deste dia eu me lembro de duas coisas: da minha euforia ao chegar e decepção ao sair.

Depois dessa experiência, passei por alguns salões repetindo as expectativas e as frustrações, até que por volta dos meus 13 anos fui pela primeira vez no mesmo salão de beleza onde as colegas de trabalho da minha mãe alisavam e com ela foi a primeira vez que obtive um resultado pelo menos aproximado do que eu esperava. Como na época minha mãe proibiu as químicas, curiosamente eu ia ao salão dela todos os sábados repetindo em partes o ritual da infância, lavar os cabelos, conversar, mas o entrelaçado das tranças dava lugar à escova e à chapinha.

Após os 16 anos finalmente tive a permissão da minha mãe para usar química no meu cabelo pela primeira vez, também me lembro da animação por aquele momento, da liberdade que era não me preocupar com as nuvens e a possibilidade de chuva, de poder ir para piscina e mergulhar, de não precisar andar com duas chapinhar dentro da bolsa.

Com 18 anos entrei na universidade pública como cotista com autodeclaração de raça no curso de Administração. Apesar de sempre saber que eu era uma mulher negra tive dificuldades em preencher uma página onde me perguntavam o porquê de eu me autodeclarar negra. Lembro que recebi a folha para preencher e me encaminharam para uma sala em um prédio do campus centro, dentro da sala havia diversas pessoas também negras com a mesma folha, alguns escreviam sem nem pensar e outros como eu ficaram ali, olhando para as paredes e talvez se perguntando a mesma coisa que eu.

Os primeiros semestres na faculdade foram de muito estranhamento, das pessoas, do espaço, das presenças e principalmente das ausências. Foi em uma aula

de Teorias Organizacionais II que tudo mudou, sentei sozinha no fundo da sala como fazia em todas as aulas desde o primeiro semestre, mas dessa vez uma pessoa se aproximou, era um homem negro que puxou conversa comigo durante a aula e assim foi durante toda a cadeira. Esse homem me falou certa vez sobre um sarau cultural que acontecia todas as terças-feiras no *centro de referência do negro*⁴. Comecei a frequentar o espaço com ele, os saraus aconteciam na casa de dois andares localizada na avenida Ipiranga em Porto Alegre. Ao longo das horas de evento aconteciam feiras de empreendedores negros, roda de conversa, um grupo só para que crianças negras aprendessem sobre sua ancestralidade e poesia. Eu me encantei e além de me encantar me surpreendi ao ver como todas aquelas falas eram exatamente o que eu sentia e vivia. Depois daquele primeiro dia o sarau se tornou um compromisso pra mim, eu ia para a aula no Campus Centro da UFRGS e muitas vezes saía mais cedo para conseguir chegar a tempo no sarau, algumas vezes quando não tinha muito dinheiro ia do campus até o centro de referência caminhando, nada era motivo para me fazer não ir.

Naquele espaço eu comecei a aprender mais de mim e questionar minhas ações, eu não consigo lembrar exatamente se foi no primeiro ou no décimo sarau, mas lembro que comecei a olhar para as pessoas que eram iguais a mim e não consegui acreditar em como eu achava tudo lindo, o nariz, a boca, os diversos tons de pele e por fim.... o cabelo. Nessa época eu tinha 20 anos e todas aquelas sensações me fizeram ter clareza de que o alisamento pra mim era uma fuga, uma tentativa de ser aceita e não uma vontade, foi a partir daquele incomodo que decidi que não faria mais sentido alisar.

Quando parei de fazer as químicas no meu cabelo começaram novamente as expectativas e também as frustrações, enquanto meu cabelo crescia e eu o via natural na raiz as pontas eram lisas, eu precisava lidar com duas texturas, com o desejo ter o cabelo longo, com os olhares de estranhamento na rua. Tive duas texturas por aproximadamente 8 meses e no final do 8 mês lembro de ter acordado, olhado para aqueles 4 dedos de cabelo crespo e pontas lisas e pensar que tinha chegado a hora, encontrei um salão de beleza aberto, perguntei se a cabelereira podia me atender naquela hora e pedi para cortar toda a parte lisa, quando me olhei no espelho chorei

⁴ Espaço inaugurado em 2016, o espaço abrigava ouvidoria, biblioteca com acervo de livros, revistas, vídeos e teses acadêmicas, além de abrir espaço para oficinas culturais de teatro, música e literatura.

muito, me arrependi, pensei no porquê de ter feito aquilo, tentei me consolar pensando que cabelo cresce.

Não tinha mais volta, eu estava com meu cabelo natural ao qual eu nunca havia cuidado na vida, mais de dez anos me separavam da última vez que eu tinha visto ele assim. Aproveitei os saraus para também conversar com as mulheres, compartilhar o momento pelo qual estava passando e ouvi muitas dicas de divisão do cabelo, de cremes, tratamentos, palavras de afeto, abraços, olhares de conforto e carinho, uma das dicas foi o poder das tranças de auxiliar na transição capilar, tanto para crescimento do cabelo quanto para minha autoestima.

Na época a irmã de uma colega de escola estava buscando seus primeiros clientes para trançar e fui até o salão, lembro que depois que marquei fiquei pensando que o processo demorava horas e ela era só a irmã mais velha de uma colega de escola, lembro de me preocupar sobre o que conversaríamos, sobre o espaço, sobre se eu, mais uma vez, sairia frustrada de um salão. Foram 5 horas em um espaço no centro de Porto Alegre, uma sala que era um pouco maior do que meu quarto na época, com três cadeiras de salão, espelho em frente e nas paredes fotos preto e branco de várias mulheres negras de trança, de *black*, de cabelo liso. Antes de começar a trançar conversamos sobre meu processo com o cabelo, o que eu estava sentindo, o que eu queria do meu cabelo, sobre como estava sendo frequentar os espaços que eu frequentava estando nesse momento e após uma conversa de mais de uma hora começamos.

Os anos se passaram, meu cabelo cresceu, as tranças viraram parte da minha estética, mas para além de tudo isso construí ao longo desse período um profundo amor e orgulho pela minha negritude. Reconheço que ser uma mulher negra em nossa sociedade é uma tarefa exaustiva, muitas vezes dolorida e solitária, mas também de muito orgulho em fazer parte de uma história que, mesmo escondida, é digna de muito reconhecimento. Vejo o cabelo como ponto central de toda essa trajetória e construção, porque foi através dele que me reconheci uma mulher negra, na busca por entender meu cabelo também entendi diversos processos que permeiam a vivência de mulheres negras, da população preta e nesse caminho também construí alianças e afetos com diversas pessoas que como eu tiveram o cabelo como um encontro com a sua ancestralidade.

1. INTRODUÇÃO

Cada pessoa tem uma relação singular com seus cabelos, moldada por experiências pessoais desde a infância até a idade adulta, essa relação é única e diversa, refletindo a complexidade da identidade e autoexpressão, para pessoas negras o cabelo compõe uma parte essencial da estética e de sua identidade “O significado social do cabelo era uma riqueza para o africano. Dessa forma, os aspectos estéticos assumiam um lugar de importância na vida cultural das diferentes etnias”. (GOMES, 2003, P: 82).

Nos últimos anos é crescente a tendência de mulheres negras que não aceitam mais a imposição do alisamento em seus cabelos. Muitas que já passaram por processos químico buscaram a transição capilar, processo que consiste em parar o uso de produtos químicos em seus cabelos, buscando um modo de positivação da origem africana a partir da valorização da textura do cabelo e dos traços físicos, que são características fundamentais para determinar se um indivíduo pode sofrer mais ou menos racismo na sociedade.

O processo de aceitação dos fios naturais é uma jornada de descoberta para essas mulheres negras, que inclui experimentações com diferentes estilos de cabelos e penteados, como as tranças, além da descoberta de espaços para cuidados com cabelos afro e da construção da relação com as trancistas. Através da vontade de compreender os processos simbólicos e de identificação que permeiam as relações de mulheres negras com as tranças, as trancistas e os salões afro, este trabalho de TCC teve início.

Para realizar esta pesquisa utilizei a abordagem qualitativa, através dela direionei a construção do roteiro de entrevistas e a interpretação das falas. As entrevistas foram realizadas exclusivamente com mulheres negras que utilizam tranças e frequentam salões afro. Neste trabalho busquei compreender como as tranças, as trancistas e os salões contribuem nos processos simbólicos e de identidade do resgate da ancestralidade de mulheres negras.

Justifico minha pesquisa a partir de três óticas, a teórica-social, outra pragmática e pôr fim a pessoal. A justificativa teórica-social é a necessidade de

compreender os processos simbólicos e de identificação que estão presentes nas tranças, no trabalho das trancistas e nos espaços dos salões afro, a fim de que haja novos pensares, ações e trabalhos que busquem olhar para a identidade negra e sua importância na construção de uma imagem positivada dos negros, nesse caso de mulheres negras, em nossa sociedade. Sob a ótica pragmática acredito que este TCC contribuirá no trabalho das trancistas e em seus salões afros pois busquei aqui pensá-los como um espaço de empoderamento e acolhimento, desta forma construindo um olhar para os espaços específicos de cuidados com os cabelos crespos e cacheados. A partir da ótica pessoal justifico a pesquisa pelas minhas vivências como uma mulher negra que passou pelos processos mencionados nesse trabalho (alisamento na infância, transição capilar, tranças e aceitação). Inicialmente meu interesse pela temática teve início a partir do trabalho final da Cadeira de Cultura e Identidade ao realizar uma mini etnografia nos espaços dos salões afro.

O objetivo principal deste TCC é compreender, a partir das relações de identificação, quais são os símbolos que fazem as tranças, o ofício de trançar e os espaços de salões afro contribuem para a construção de autoestima e identidade de mulheres negras. Para que seja possível chegar ao objetivo principal, busquei atingir os seguintes objetivos específicos 1. Conhecer a história de mulheres negras com seus cabelos e com as tranças. 2. Conhecer a história de construção de identidade de mulheres negras que trançam o cabelo. 3. Analisar os elementos de identificação entre clientes e suas trancistas. 4. Analisar as relações simbólicas do ofício das trancistas e dos espaços dos salões afro. 5. Analisar como clientes compreendem o processo de trançar os cabelos como elemento identitário.

A partir das vivências das mulheres negras entrevistadas organizei as análises em 6 capítulos: 1. Minha relação com o meu cabelo é complicada. 2. “A trança de ontem”: a construção de identidade de crianças negras através das tranças. 3. Processo de alisamento. 4. O dia que me conheci: o processo de transição capilar e a identidade negra. 5. Mudar sem precisar esconder a minha ancestralidade: as tranças como “ferramenta” estética e de identificação. 6. Eu me via em tudo ali: os espaços dos salões afro e a identificação. 7. Minha única relação monogâmica é com a minha trancista: a relação entre trancista e mulheres trançadas

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 IDENTIDADE NEGRA

De acordo com Cuche (2002), a identidade social é definida pela interação de um indivíduo com um sistema social. O autor argumenta que a identidade permite que o indivíduo se situe dentro de um sistema social e seja identificado socialmente, mas também se refere ao grupo que possui essa identidade, a fim de identificá-lo dentro do conjunto social.

Cuche (2002) cita Barth para explicar que a construção da identidade ocorre através da oposição entre um grupo e outros com os quais está em contato. A identidade seria uma categorização para organizar as trocas entre grupos, e o importante nesse contexto não é apenas mapear os traços distintivos, mas também compreender quais traços são usados pelos membros do grupo para afirmar e manter o que os define.

Para definir o processo de identificação através de conceitos como auto-identidade e hetero-identidade Cuche (2002) se baseia em Simon. Para os autores a auto-identidade refere-se à definição que o indivíduo faz de si mesmo, enquanto a hetero-identidade é definida pelos outros, existindo assim uma disputa pela legitimidade entre essas identidades, a qual ocorre dentro do contexto das relações em que o indivíduo está inserido.

Referente à discussão sobre o processo de identificação em um contexto social de dominação Cuche (2002) discute que a força da auto-identidade e da hetero-identidade podem variar dependendo do contexto e da relação de forças entre os grupos. Nesse sentido, a hetero-identidade dos grupos minoritários, no contexto de hierarquização, pode ser estigmatizada resultando assim em uma construção de identidade negativa, que os define como diferentes em relação à referência imposta por grupos majoritários. Ao abordar as fronteiras de identidade, Cuche (2002) utiliza a teoria de Barth, segundo a qual a diferença cultural não é o que identifica os grupos, mas sim a vontade de marcar fronteiras entre “nós” e “eles”.

Hall (2004) utiliza o conceito de identificação para destacar que os povos vivem e preservam sua identidade cultural em relação às suas terras de origem e que essas tendências não são singulares. O autor argumenta que a identidade não é algo

estático, mas sim algo que se forma ao longo do tempo através de processos inconscientes. Dessa forma, em vez de apresentar a identidade como algo acabado, o autor sugere que devemos falar em identificação e vê-la como um processo contínuo em desenvolvimento.

A identidade permite, portanto, que um indivíduo se localize dentro de uma sociedade e seja também reconhecido por ela. Segundo Ronsini (2002) a construção da sociedade gera “processos simbólicos de pertencimento em relação a cultura, nação, classe, grupo étnico ou gênero” (RONSINI, 2002, p. 7). Sendo assim, a identidade é o resultado de uma construção que tem como objetivo criar significados para uma comunidade que se mantenham ao longo do tempo, em um determinado espaço.

O apagamento histórico, silenciamento e preconceito são fatores que afetam a valorização da identidade negra, fazendo com que por muitos anos existisse um esforço para se encaixarem no padrão branco.

Tendo que livrar-se da concepção tradicionalista que o definia econômica, política e socialmente como inferior e submisso, e não possuindo uma concepção positiva de si mesmo, o negro viu-se obrigado a tornar o branco como modelo de identidade (SOUZA, 1983, p.19).

Podemos entender o corpo negro como um corpo social, que expressa linguagens, sentidos e valores. O corpo é um veículo de comunicação, demonstrando a força de uma cultura e de uma história. Assim, valorizar a identidade da estética negra é abrir espaço para que pessoas historicamente silenciadas pensem sua existência e protagonizem as narrativas sobre seus corpos.

Deste espaço surge a necessidade de aprofundamento em conhecimentos, desloca-se a visão do senso comum e passa-se para um lugar de maior pertencimento. A negritude parte do olhar coletivo, exalta o protagonismo negro como instrumento de combate ao racismo. Nesse contexto, o entendimento de negritude é apresentado por Aimé Césaire:

A negritude não é uma pretenciosa concepção do universo. É uma maneira de viver a história dentro da história; a história de uma comunidade cuja experiência parece, em verdade, singular, com suas

deportações de populações, seus deslocamentos de homens de um continente a outro, suas lembranças distantes, seus restos de culturas assassinadas (CÉSAIRE, 2010, p. 109).

A partir do campo da estética visual as tranças vem sendo cada vez mais utilizadas por pessoas negras, assim elas se tornam elementos fundamentais de referência e identidade para mulheres negras

Definido por muitos como “a moldura do rosto”, o cabelo pode dar informações sobre as origens, pertencimento a grupos sociais e hábitos de uma pessoa, aproximando ou afastando indivíduos enquanto elementos de identidade corporal. Eles possuem uma grande capacidade de expressão simbólica vinculados a um contexto sociocultural (KING, 2015, p. 8).

O conceito de identificação, proposto por Hall (2004), destaca que a identidade não é algo estático, mas sim um processo em constante desenvolvimento, formado ao longo do tempo por processos inconscientes. A identidade é importante para que um indivíduo se localize na sociedade e seja reconhecido por ela. No caso da identidade negra, o apagamento histórico, silenciamento e preconceito sofreram a valorização da identidade, levando muitos negros a tentar se encaixar no branco padrão. No entanto, defender a estética negra, como as tranças, é uma forma de abrir espaço para que as pessoas historicamente silenciadas possam protagonizar suas narrativas corporalmente e combater o racismo. A negritude, como uma forma de viver a história dentro da história, exalta o protagonismo negro e busca resgatar as culturas assassinadas pela diáspora⁵.

2.2 O CABELO CRESPO COMO SÍMBOLO E IDENTIDADE

Em muitas culturas, o modo como o cabelo é usado pode transmitir diferentes leituras e significados, para pessoas negras este papel simbólico do cabelo teve destaque em diversos momentos históricos, como sendo um símbolo de conscientização sobre a opressão colonial e os padrões estéticos eurocêntricos.

Pela capacidade simbólica do cabelo de contribuir para a valorização da herança africana ancestral ao longo da história houve tentativas de apagamento e

⁵ Deslocamento, normalmente forçado ou incentivado, de massas populacionais originárias de uma zona determinada para várias áreas de acolhimento distintas.

silenciamento deste elemento identitário, através de processos de alteração da estrutura do fio. Hooks (2005) fala sobre como o apagamento pode moldar o comportamento social, entre pessoas negras, que acabam assim buscando alisar os cabelos.

Construir a aparência física pela negação de seu corpo pode ser a ocasião para uma pessoa de se transformar. O alisamento é um fenômeno que possibilita a mudança da aparência física de uma mulher. O número de técnicas de alisamento e o vínculo deste procedimento com diversas problemáticas sociais reforça sua importância, dadas suas recorrência e atualidade. Ele reforça a negação de cabelos crespos dentro desta sociedade, que tem em sua origem o profundo histórico do racismo (KING, 2015, p. 6).

Ferreira (2015) destaca a importância do cabelo como elemento da estética negra que fortalece a identidade, mas em sua pesquisa, busca ampliar a compreensão da questão da identidade através do cabelo trançado. Para a autora, as tranças não apenas representam resistência e empoderamento, mas também arte e beleza, elevando a autoestima das mulheres negras e ressignificando eventos negativos da infância decorrentes do racismo e preconceito.

A trança, portanto, tem um papel simbólico. Trazida para o Brasil por pessoas escravizadas de países africanos, neste período a trança nagô feita rente ao couro cabeludo, exerceu a função de condutora de mensagens e fazia parte do sistema de comunicação.

Os penteados trançados eram utilizados como mapas de fugas. Eles serviam como comunicados para os escravizados escaparem das condições que se encontravam (SANTOS, 2017, p. 133).

A compreensão da simbologia do cabelo crespo e do trançar nos leva à figura das mulheres trançistas, profissionais cabeleireiras étnicas que realizam penteados afro, elas exercem um papel fundamental no processo de valorização da estética negra e na reafirmação do cabelo como principal símbolo de sua identidade. Muitas vezes as técnicas desenvolvidas no ato de trançar são aprendidas no seio da família, com mães, avós, tias, e aperfeiçoadas em cursos formais. Segundo Clemente (2010):

As trançadeiras são as mãos de sabedoria, conectadas com a relação dos negros e tudo que foi vivido pelos seus ancestrais. As trançadeiras são Griôs, guardiões das memórias africanas, na palma das suas mãos” (CLEMENTE, 2010, p.14).

Mesmo sendo inicialmente uma atividade ligada à busca pela fonte de renda vemos que esta profissão é exercida de forma conectada à ancestralidade, as mulheres que exercem a função de trancistas sabem a história da trança e seu poder identitário para a comunidade negra e buscam fazer do seu trabalho um instrumento de reafirmação de espaços. Diante de uma sociedade que impõe atos racistas, o papel da trancista vai além de trançar cabelos, elas promovem novas imagens de beleza, que contribuem para a autoestima de suas clientes.

Segundo Gomes (2006, p. 354) quando nos reportamos aos nossos antepassados africanos e descobrimos que o ofício de cabeleireiros possuía importância social e simbólica para várias etnias, somos levados a pensar que esse comportamento das cabeleireiras e dos cabeleireiros étnicos da atualidade carrega algo mais do que tino comercial. Ele leva consigo um simbolismo aprendido com nossos ancestrais.

Bell Hooks (2005) cita a ida aos salões étnicos e o uso das tranças como táticas para afirmação da identidade negra, expressando a conquista do direito individual e coletivo do negro de transformar a sua imagem de forma criativa, não mais escondê-la, e valorizar o seu passado africano, nesse contexto a compreensão da simbologia das tranças para o grupo torna-se um artifício de preservação identitário. A autora afirma que, no ato de frequentar os salões ou quintais das casas, há também um rito de intimidade, no qual mulheres negras, mesmo as que não possuem intimidade, podem se encontrar e conversar umas com as outras, ou simplesmente escutar a conversa. São locais de aumento da consciência, onde se compartilham histórias, lamúrias e problemas; são espaços de acolhimento e renovação de espírito. Os salões étnicos são, portanto, espaços coletivos onde são desenvolvidas estratégias de sobrevivência e de resistência identitária, onde conteúdos políticos e ideológicos circulam, além de conversas entre as trancistas e as clientes visando reforçar positivamente a sua autoestima.

Ao longo da história, para pessoas negras, o cabelo tem sido um símbolo importante da herança ancestral africana e, também, uma forma de resistência contra os padrões estéticos que tentaram apagar essa identidade. Nos últimos anos, muitas mulheres negras têm buscado descobrir a textura natural de seus cabelos, por meio da transição capilar. Nesse contexto as tranças aparecem com um papel importante na simbologia do cabelo crespo e representam resistência, empoderamento, arte e beleza. Em suma, a compreensão da simbologia do cabelo crespo e do trançar nos leva a entender a importância do cabelo como um elemento central na construção da identidade negra e como uma forma de resistência e empoderamento.

3. MÉTODO

Sendo o objetivo deste trabalho compreender os processos simbólicos a partir da vivência e percepções individuais de um grupo, neste caso de mulheres negras, escolhi a abordagem metodológica que me permite mensurar as análises de forma qualitativa. A pesquisa qualitativa tem como objetivo compreender os fenômenos a partir da perspectiva das pessoas envolvidas, levando em consideração o contexto em que ocorrem e do que fazem parte. Nas Ciências Sociais, essa abordagem responde a questões que não podem ser quantificadas, permitindo uma compreensão mais profunda e complexa da realidade. A pesquisa qualitativa trabalha com significados, motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes das pessoas envolvidas (GODOY, 1995; MINAYO, 2001).

A coleta de dados foi feita mediante entrevista individual semiestruturada (ver Apêndice) com seis mulheres negras que trançam o cabelo e frequentam salões afro. A entrevista é uma técnica eficiente para obtenção de dados em profundidade sobre o comportamento humano e os mais diversos aspectos da vida social (GIL, 2008). As entrevistas foram realizadas *online* por plataformas de vídeo conferência, conforme a disponibilidade de cada participante. As participantes assinaram um termo de consentimento autorizando a utilização de suas falas das entrevistas. As entrevistas duraram em média 50 minutos e foram totalmente transcritas por mim, essa atividade me possibilitou ter maior percepção das dinâmicas com o cabelo que envolveram a vida dessas mulheres. Além das entrevistas busquei artigos e trabalhos de graduação que abordassem o processo de mulheres negras com os seus cabelos como o alisamento, as tranças, a transição capilar e a construção da autoestima.

As mulheres negras entrevistadas ou observadas não serão identificadas, serão descritas com nomes escolhidos por elas, por exemplo, “entrevistada - nome”, “entrevistada - nome”, e assim por diante. São elas:

Natália, 26 anos, enfermeira, começou seu processo de alisamento aos 6 anos e iniciou sua transição capilar aos 22 anos.

Dalva, 23 anos, estudante de publicidade e propaganda, começou seu processo de alisamento aos 12 anos e iniciou sua transição capilar aos 20 anos.

Djamila, 22 anos, estudante de logística, começou seu processo de alisamento aos 10 anos e iniciou a transição capilar aos 20 anos.

Preta Mina, 29 anos, artista, começou seu processo de alisamento aos 11 anos e iniciou a transição capilar aos 18 anos.

Nakia, 30 anos, psicóloga, começou seu processo de alisamento aos 6 anos e iniciou a transição capilar aos 19 anos.

Hanna, 27 anos, afroempreendedora no ramo da moda, começou seu processo de alisamento aos 9 anos e iniciou a transição capilar aos 20 anos.

A segunda fase da coleta de dados foi feita através de observação participante. Na observação participante o pesquisador está inserido no grupo o qual está analisando tendo a visão desse grupo do interior dele mesmo (GIL, 2008). Minha inserção se deu de forma tranquila, pois já faço parte do grupo, sendo eu também uma pessoa que faz tranças em salões afro. A observação participante permite ao pesquisador acesso rápido às informações que o grupo considera de domínio privado e possibilita captar rápido palavras de esclarecimento que definem o comportamento dos observados (GIL, 2008). Durante as idas aos salões utilizei um bloco de notas ao qual anotei características dos espaços físicos e frases que foram ditas diversas vezes.

A análise de dados qualitativos não tem como objetivo conter opiniões, mas sim interpretar cada uma delas e explorar o conjunto de opiniões e representações sociais sobre o tema investigado (MINAYO, 2001). O processo de análise ocorreu a partir da transcrição das entrevistas e anotações de campo a partir da observação da pesquisadora. Segundo Gil (2008), a análise de dados na pesquisa qualitativa depende muito da capacidade e do estilo do pesquisador. Miles e Huberman citados por Gil (2008) descrevem a análise de dados qualitativos em três fases: a) a redução dos dados que consiste em seleção e simplificação das informações; b) a apresentação que consiste na organização dos dados de forma a possibilitar a análise sistemática de semelhanças, diferenças e seu interacionamento. Nessa etapa podem surgir categorias além das descobertas na fase de redução dos dados; e c) a conclusão que requer uma revisão para considerar o significado dos dados, suas regularidades, padrões e explicações. A organização dos dados coletados nas

entrevistas e na observação foi feita em categorias que surgiram a partir das falas das participantes entrevistadas.

No caso específico deste TCC, depois de todas as entrevistas transcritas li e comecei a me apropriar do contexto dessas mulheres e de suas relações com o cabelo, as tranças, as trancistas e os salões. A partir dessa apropriação comecei o processo de categorização que foram organizadas a partir de uma fala marcante das entrevistadas.

As análises, portanto, se basearam nas relações simbólicas e de identificação que foram percebidas ao longo das entrevistas, onde busquei compreender como os processos simbólicos atuaram na construção da identidade dessas mulheres negras e se as tranças, salões afro e relação com as trancistas são determinantes, ou não, para a construção dessas mulheres.

4 ANÁLISE

Conforme explicado no método, separei as falas das entrevistadas em categorias, com o objetivo de agrupar falas e pensamentos em comum ou de refletir sobre vivências das entrevistadas vistas como relevantes, sejam por similitude ou divergências. A seguir apresento as seções que analisam as entrevistas, sendo essas nomeadas a partir de uma fala simbólica representando o conteúdo que compreende a categoria.

4.1 “Minha história com o meu cabelo é complicada”

A construção da subjetividade a partir da autoimagem, se constitui nos diferentes períodos da vida através da união de diversos elementos: o sujeito, as relações afetivas e o acesso a espaços sociais. A partir destas relações, este sujeito constrói sua imagem e compreende o que acha que são suas percepções de mundo, percebendo suas qualidades ou defeitos e características físicas e psicológicas (MACÊDO, 2010). Através deste olhar podemos compreender que o ser humano adquire parte da compreensão da sua própria realidade através dos olhares e percepções dos outros, Zugliani, Motti e Castanho, citados por Branden (2000) explicam:

A imagem de si, como fenômeno social, influencia o modo como as relações interpessoais se estabelecem. No encontro subjetivo, as imagens projetadas pelo outro se tornam responsáveis pela descoberta do sujeito, pela forma como ele se estrutura e se reconhece.

Durante as entrevistas percebi que as entrevistadas inicialmente relatavam situações de preconceito e discriminação as quais acabaram moldando, principalmente na infância, a imagem delas quando crianças. A relação das entrevistadas com o cabelo assumiu um papel fundamental na construção da imagem de si, para elas o cabelo não tem apenas função biológica, mas carrega também significado social e político. Durante as entrevistas a relação com o cabelo na infância teve destaque, como demonstra a fala de Dandara:

Eu chorava por ter cabelo crespo, lembro de bater com a escova na cabeça para tentar baixar o volume do cabelo, eu odiava o meu cabelo.

E tu já parou pra pensar que o cabelo é algo do teu corpo que não para de crescer? Imagina odiar algo que nunca vai parar de crescer.

Através da percepção das entrevistadas a construção de um olhar negativo para seu cabelo e outras características físicas teve início no ambiente escolar. Djamila relembra:

Minha história com o meu cabelo é complicada, hoje eu consigo ver que foi difícil aceitar por já vir um preconceito na escola, me zoavam, com isso eu comecei a não gostar dele, não existia amor entre eu e meu cabelo era sempre uma relação de ódio.

Algo que me chamou a atenção é que todas as entrevistadas remeteram à escola o espaço central das primeiras vivências de discriminação e preconceito, também sendo o primeiro lugar onde acessaram meios sociais externos ao seio familiar. O que de fato aconteceu é que essas mulheres se descobriram como uma criança negra através de situações dolorosas, o que moldou suas percepções acerca de sua imagem e valor. Gomes (2002, p. 47) afirma que: “A rejeição do cabelo pode levar a uma sensação de inferioridade e de baixa autoestima contra a qual faz-se necessária a construção de outras estratégias”. Durante a entrevista Nakia falou sobre sua primeira lembrança de racismo e como ela moldou a sua percepção através do olhar de outras crianças.

Quando meus pais se separaram eu saí de uma escola e não me contaram que tem diferença entre escolas [*risos*], ali me marcou pelo contato com o racismo explícito, me chamavam de nega do cabelo duro, cantavam “qual é o pente que te penteia”, nega beijuda, então eu lembro desse lugar de começar a minha auto rejeição, ali sim comecei a querer alisar e comparar o meu cabelo com outras meninas loiras, me perguntava “por que eu tenho esse cabelo ruim”

Ela continua o relato exemplificando como as atitudes discriminatórias que enfrentava na escola moldaram seus hábitos, criando estratégias para fugir das situações desde a infância:

Lembro de sentir vergonha de pousar [*dormir*] na casa das amigas porque ia acordar escabelada, meu cabelo não era aquele que só jogava pra trás, precisava de um monte de água, um monte de creme

e com sorte conseguir fazer um coquezinho. Eu comecei a não gostar de macacos, bananas, roupa amarela, roupas que contrastassem comigo, passei a usar menos roupas coloridas, cabelo mais no coquezinho pra não existir comparação.

A partir das entrevistas realizadas, compreendi como a construção da autoimagem é influenciada pelas relações interpessoais e sociais vividas ao longo da vida. As entrevistadas relataram como as experiências de preconceito e discriminação na infância moldaram a sua percepção sobre si mesmas, principalmente em relação ao cabelo crespo. A escola foi apontada como o espaço central das primeiras vivências de discriminação e preconceito. Os relatos das entrevistadas mostram como a auto rejeição afetou a autoestima e a construção da identidade, e a necessidade de desenvolver estratégias para lidar com situações dolorosas.

4.2 “A trança de ontem”: a construção de identidade de crianças negras através das tranças

Durante as entrevistas um importante dado levantado foi a lembrança que as entrevistadas tinham das tranças na infância, algo que funcionava como uma “ferramenta” de cuidados com o cabelo de crianças negras. Através de suas falas, as entrevistadas relataram terem lembranças da trança ser o único penteado utilizado nas suas infâncias. À época esse penteado tinha o objetivo de manter os cabelos arrumados, como fica evidenciado na fala de Natália:

Eu sempre usei tranças não as que uso hoje, eram tranças com meu cabelo mesmo, quando eu era pequena quase nunca andava de cabelo solto, minha mãe sempre fazia as tranças e não cortava o meu cabelo porque quando ela era pequena raspavam o dela por não saberem cuidar, então sempre tinha que ter alguém pra trançar o meu cabelo, ou a minha mãe, ou minha tia ou meu irmão, eu não podia estar com a cabeça bagunçada, precisava estar impecável.

Durante as entrevistas, pude perceber que o uso de tranças na infância foi uma estratégia adotada pelas famílias das entrevistadas para combater as violências sofridas nos espaços e romper com estereótipos raciais, o que fica evidenciado na fala de Preta Mina:

Eu fui uma criança e uma adolescente que escondia a sua própria raiz, eu usava o cabelo preso desde criança, solto era só no final de semana em casa, na rua era trançado que era para manter sempre arrumado.

Ao mesmo tempo que as entrevistadas se sentiam de certa forma “protegidas” pelo trançado também se criava o imaginário de que os cabelos só seriam aceitáveis quando presos, o que construiu para Nakia a visão de que apenas cabelos lisos poderiam ficar soltos, como ela aborda em sua fala:

Eu lembro que eu gostava muito de fazer tranças quando eu era criança, trança solta, eu gostava do movimento, do cabelo balançar, era uma forma de sentir o cabelo mais solto, parecida com as minhas primas que tinham cabelo liso.

Com o objetivo de romper com estereótipos raciais a trança tornou-se um elemento central na vivência das entrevistadas, Gomes (2002) afirma:

O uso das tranças é uma técnica corporal que acompanha a história do negro desde a África. Porém, os significados de tal técnica foram alterados no tempo e no espaço. Nas sociedades ocidentais contemporâneas, algumas famílias negras, ao arrumarem o cabelo das crianças, sobretudo das mulheres, fazem-no na tentativa de romper com os estereótipos do negro descabelado e sujo. Outras fazem-no simplesmente como uma prática cultural de cuidar do corpo. Mas, de um modo geral, quando observamos crianças negras trançadas, notamos duas coisas: a variedade de tipos de tranças e o uso de adereços coloridos (GOMES, 2002, p. 44).

Algumas das entrevistadas lembram do momento de trançar os cabelos como sendo de dor e incômodo, outras de ser um momento de cuidado e afeto familiar, o fato é que na prática utilizar tranças na infância e sua conexão com a família é um elemento cultural que crianças negras vivenciam. Natália conta que:

Eu não conheci minha vó né, ela faleceu antes de eu nascer, mas ela ensinou minha mãe a trançar cabelos e quando minha mãe me trançava eu sentia que tinha um pouco da minha vó ali, hoje eu tranço meu filho e sei que também estou passando um pouco da minha mãe pra ele.

Sobre a trança Gomes (2003, p. 117) afirma que:

[...] é um dos primeiros penteados usados pela criança negra e privilegiados pela família. Fazer as tranças, na infância, constitui um verdadeiro ritual para essa família. Elaborar tranças variadas no cabelo das filhas é uma tarefa aprendida e desenvolvida pelas mulheres negras.

Nakia relembrou suas experiências com as tranças na infância como sendo um ritual simbólico de cuidado compartilhado com diversas mulheres da família e seus diferentes estilos de trançado:

Esse lugar é muito marcado pela minha mãe fazendo trança no meu cabelo de um jeito, minha tia de outro e minha vó de outro, a minha tia tinha mais paciência e tempo, então eu lembro de sentar no meio das pernas dela ouvindo música, eu lembro de ouvir Luiz Melodia enquanto ela me trançava e puxava meu cabelo. Ela falava “beleza é isso”.

Durante as falas das entrevistadas também ficou evidente que a partir das dinâmicas com seus cabelos na infância foram sendo criadas construções do que é ser feminino e papéis das mulheres na sociedade, de diferentes formas todas as entrevistadas reproduziam a frase “A beleza dói” trazendo o cuidado com os cabelos desde jovem como sendo uma questão feminina. Os processos e preocupações com os cabelos desde cedo fica evidente na fala de Preta Mina sobre as tranças na infância “Eu nem lembro a primeira vez que me trançaram, na minha primeira lembrança eu já estava assim, trançada, com o cabelo bem puxado [*risos*]”.

As entrevistadas falaram sobre a importância das tranças como ferramenta de cuidado com os cabelos em sua infância e também da sua utilização como estratégia de combate à violência vivida e quebra de estereótipos. Porém, ao mesmo tempo que as tranças construíram a sensação de proteção, as entrevistadas relatam que criaram um imaginário de que apenas cabelos lisos eram aceitáveis. As tranças tornaram-se um elemento central nas experiências dessas mulheres que as viam como uma prática cultural de autocuidado.

4.3 Processo de alisamento

Ao serem questionadas sobre a história dos seus cabelos percebi que no avanço das interações sociais a trança não foi mais uma estratégia eficaz para a fuga de situações dolorosas. A partir desse ponto, foi unânime entre as entrevistadas a

experiência de utilização de processos químicos para modificar a estrutura do cabelo. A menor idade na qual algum desses processos foi utilizado ocorreu aos seis anos, tendo ocorrido com todas as entrevistadas no máximo até os doze anos de idade. Porém mesmo que todas tivessem passado por procedimentos químicos as experiências foram diferentes, algumas iniciaram com o relaxamento afro para depois alisar. Também relataram experiências diferentes com o primeiro procedimento capilar, alguns feitos por familiares com o objetivo de utilizar produtos menos nocivos, devido à pouca idade ou por questões financeiras. Natália comentou sobre sua primeira química:

A primeira vez que usei química no meu cabelo eu tinha 6 anos, eu via as outras crianças com cabelo solto e eu também queria, incomodei minha mãe e ela comprou aqueles permanentes⁶ prontos do *Netinho*⁷ [risos] e passou o produto ela mesma, na época eu não sabia, mas ela usou um permanente e meu cabelo continuou com os cachos, só baixou o volume, eu fui lá passei a chapinha e quando lavei já não tinha mais cachos.

Nakia que também iniciou seus processos químicos aos seis anos fala de como era a explicação para que ela precisasse utilizar cremes que modificassem a estrutura do seu cabelo na época:

Com 6 anos lembro de alisar o cabelo, primeiro com o relaxamento⁸, aqueles pra “soltar o crespo” como se dizia, meu cabelo é 4b/4c⁹, então dentro de casa ele sempre foi o cabelo *carapinha*¹⁰, cabelo duro, essas coisas não eram ditas com a intensão de ser pejorativo, mas em um lugar de repetição, então eu sempre ouvia “vamos arrumar essa carapinha”.

Nakia mencionou durante a entrevista que as falas a respeito de seu cabelo criaram uma imagem negativa em sua mente, influenciando sua percepção sobre seu

⁶ Técnica de cachear e ondular os cabelos de forma definitiva usando química e rolos de tamanhos diferentes.

⁷ Cantor que possui uma linha de produtos para relaxamento capilar.

⁸ Técnica para reduzir o volume dos cabelos crespos e cacheados usando química.

⁹ Classificação de curvatura dos fios, sendo 2a o mais liso e 4c o mais crespo.

¹⁰ Sendo um tecido de lã o nome “carapinha” começou a ser utilizado de forma pejorativa para cabelos muito crespos..

cabelo crespo e levando-a a reproduzir essas falas, o que resultou na construção de uma relação negativa com seus cabelos:

Quando eu comecei a alisar meu pai não gostou, ficava dizendo pra não alisar, que minha mãe ia me queimar e minha mãe respondia que precisava alisar porque meu cabelo era duro igual ao dela. Minha mãe é do time do Henê [risos]. Com 8 ou 9 anos eu lembro de ter já a relação de não gostar do meu cabelo, pedir pra minha mãe alisar, ou eu mesma alisar. Nessa época eu detestava tranças, eu não podia ter o cabelo da loira do tchan, nem das Paquitas, nem das Chiquititas porque nem o cacho padrão que a menina negra das Chiquititas tinha eu tinha.

Entre as entrevistadas que iniciaram os processos diretamente em salões e com alisamento destaque a fala de Hanna:

Eu era criança, mas me lembro do barulho do secador, de ser cheio e de não ficar igual a pessoa do meu lado, claro né [risos] eu não era igual.

As entrevistadas que iniciaram suas experiências com permanente afro em salões relatam experiências de descaso dentro dos espaços do salão, como nos relata Dalva:

Quando tu chegava pra fazer o permanente já te olhavam torto né, era mais caro e demorado e nos banners do salão só tinham propagandas de cabelos lisos, nunca dos cabelos cacheados

Através das falas das entrevistadas pude perceber que o processo de alisamento foi uma experiência duradoura e marcante nas vidas delas, acarretando inclusive em quedas e danificações, devido ao excesso de produto. Natália relata sua experiência:

O produto que eu usava comprava na farmácia, então eu não podia ver um fio meio enrolado que comprava e já passava, passava toda hora, dizia que tinha que esperar quinze dias, mas eu não aguentava, com tanto produto ele começou a cair.

A vivência com a queda de cabelos pelo excesso de utilização de produtos para alisamento também foi mencionada por Djamila, Nakia e Preta Mina, dessas falas destaco a de Preta Mina:

Eu usava muito alisantes e as chapinhas, eles entraram na minha vida aos 9 anos, até meus 15 anos, perto da minha festa eu comecei a usar mais e ter muita queda na parte da frente, foi aí que tive que cortar bem curtinho.

Mesmo com as quebras e cortes químicos as entrevistadas não abandonaram a química no primeiro momento e relatam que enfrentavam a situação com naturalidade e sem questionar se poderia ou não estar prejudicando seu cabelo. Nakia, por exemplo, lembra que não parou de usar produtos alisantes e chapinhas e que de certa forma se acostumou com a quebra e queda dos seus cabelos, como fica evidente na sua fala: “Corte químico eu tive muitos, muitos cortes químicos, meu cabelo nunca passava do pescoço por que quando chegava nesse tamanho ele quebrava, era o máximo de comprimento que eu conseguia”

O relato das entrevistadas sobre suas experiências com alisamentos demonstra como a pressão social para se adequar a um padrão estético eurocêntrico influenciou a forma como elas se enxergavam e lidavam com seu próprio cabelo. O uso de produtos químicos para modificar a estrutura do cabelo iniciado desde a infância, funcionava como tentativa de se ajustar a um padrão de beleza considerado mais aceitável e evitar situações dolorosas. No entanto, esses procedimentos muitas vezes resultam em danos à saúde capilar.

4.4 O dia que me conheci: o processo de transição capilar e a identidade negra

Transição capilar é o processo em que uma pessoa deixa de alisar ou usar química em seus cabelos em busca do seu fio natural. Durante o processo, é necessário lidar com as diferentes texturas entre a raiz natural e o comprimento alisado com química. O processo de transição capilar tem sido utilizado por mulheres negras por diversos motivos, como a busca por autoaceitação, empoderamento ou saúde capilar como fala Preta Mina: “Eu precisava saber como era o meu cabelo”.

Geralmente o processo é feito de forma gradativa esperando o cabelo natural crescer e cortando aos poucos as pontas que ainda têm a estrutura afetada pelos

produtos químicos. As entrevistadas relataram que o processo de transição capilar ocorreu de formas distintas para cada uma delas, Djamila fala sobre sua vivência com tal processo:

Eu não passei por aquele processo de ir cortando o cabelo aos poucos, como eu alisava muito teve um dia que meu cabelo começou a cair, eu continuava alisando porque achava que iria arrumar um jeito, mas não deu certo. Minha mãe me levou em um salão e eu tive que cortar tudo de vez, meu cabelo ficou bem baixinho e ali foi a virada de chave eu pensei: esse é meu cabelo e tenho que aceitar ele. Meu processo foi como tinha que ser e foi único.

Durante as entrevistas Nakia e Dalva salientaram a importância das plataformas digitais como Youtube, grupos de Facebook e blogs durante o seu processo de transição capilar, esses grupos são espaços virtuais onde mulheres de diversas localidades compartilham suas rotinas com seus cabelos e em que momento do processo estão, nessas plataformas as entrevistadas terem encontrado pela primeira vez referências que orientassem seu processo de descoberta dos cabelos, Nakia relembra:

Comecei a procurar no Youtube e em blogs pessoas que tinham o cabelo igual o meu, aí eu conhecia uma Youtuber: Maisa Fidelix, que tinha o cabelo igual ao meu, 4c igual ao meu, preta igual eu, falando de como cuidar, como pensar possibilidades para o cabelo e transição capilar.

Dalva falou com emoção do papel dos grupos de fortalecimento de mulheres negras em processo de transição capilar nas redes sociais, estes grupos foram para ela um espaço de compartilhamento de vivências, afeto e cuidado.

Cada coisa que acontecia as gurias botavam no grupo, se acharam um creme novo, se saíram pela primeira vez com o cabelo natural, se ainda estavam com as duas texturas de cabelo, o dia do *Big Chop*¹¹, foi um lugar que me deu muita força, a gente nem se conhecia era uma de cada canto do Brasil, mas a gente se ajudava muito.

¹¹ Corte das partes lisas de um cabelo que está no processo de transição capilar.

Para as entrevistadas foi durante o processo de transição capilar que ocorreram seus primeiros contatos com seus cabelos, pois muitas iniciaram os processos de alisamento na infância e não tinham lembranças de como eram e como cuidar de seus próprios cabelos. A partir da transição capilar inicia-se o processo de descoberta de si, fala trazida por Nakia:

Daí em diante começou uma relação de conhecer e cuidar do meu cabelo, eu sempre buscava validação externa e com a transição busquei tentar me ver como mulher negra em minha plenitude e não só a mulher negra com esses marcadores, esses estereótipos, fui me deslocando desse lugar, foi aí que comecei a curtir o meu cabelo. Meu cabelo foi a chave para a minha afirmação enquanto mulher negra, politicamente falando e psicologicamente falando.

O que percebi durante a fala das entrevistadas é que a transição capilar foi o momento chave para a criação de um olhar positivo que estas tinham de si mesmas e, a partir do qual, começaram a construir o seu senso de identidade. Todas elas iniciaram a transição capilar na vida adulta, a mais nova sendo a Preta Mina, com 18 anos, e a mais velha Djamila, com 20 anos. Das falas sobre o processo de transição capilar destaco a de Dalva: “A transição capilar te faz parar e ter que pensar no cabelo, ele tá crescendo, tu tá com duas texturas, tu te obrigada a tocar nele, a pensar sobre ele. O tempo que demora te obrigada a olhar pra dentro”.

O momento do *Big Chop* é o ponto final da transição capilar, tal técnica consiste em um corte definitivo em todas as partes afetadas por processos químicos. Novamente as entrevistadas relataram experiências distintas sobre seu *Big Chop*, porém o que chamou minha atenção é que a maioria das entrevistas fizeram o corte sozinhas como relembra Nakia: “eu não queria mais ir no salão, não confiava em mais ninguém pra tocar no meu cabelo, foram tantos anos danificando ele, por isso eu fiz meu *Big Chop* sozinha”.

Para as entrevistadas após o corte do *Big Chop* teve início também o processo de aceitação, Preta Mina relata que foi quando se iniciou um sentimento de reconhecimento e olhar positivo sobre sua identidade negra.

Foi o momento mais libertador da minha vida, mas aí começa outro processo. É engraçado o olhar dos outros sobre, quando eu estou com

o cabelo baixo é quase como se eu não existisse, quando eu tô com *Black* eu me torno vista e também uma provocação, existem esses dois mundos.

Através do processo de transição capilar criou-se, para as entrevistadas, uma atmosfera de aceitação e cuidado com os cabelos o que para elas contribuiu para a relação de afeto e identificação com as suas origens, o cabelo tornou-se então um marcador dessa construção. Nakia reforça através de sua fala a percepção de que iniciar os cuidados com os cabelos e olhar para sua estética teve papel marcante na sua identificação.

Pensando nas questões estéticas do feminino, o cabelo é um lugar marcante, eu comecei a perceber isso em mim quando comecei a cuidar do meu cabelo. O cabelo foi a chave pra muitas coisas, pra eu me achar bonita, me sentir mais feminina sentir que eu poderia desejar e ser desejada, então acho que o cabelo foi a parte central pra reconhecer minha autoestima e conhecer a mim mesma.

As entrevistadas também relataram que a partir do olhar e descoberta da sua identidade também teve início a curiosidade pelo novo e busca por experimentações nos cabelos, como penteados em suas mais diversas possibilidades como fala Preta Mina: “Posso cada vez ser uma pessoa através do meu cabelo, descobrir o meu cabelo foi um processo de organização dentro do meu próprio Ori¹²”.

Através do processo de transição capilar, que é a decisão de deixar de alisar ou usar química nos cabelos e buscar o fio natural, as entrevistadas falaram sobre a construção de um olhar positivo sobre si mesmas. Para elas esse foi o momento chave para a construção de suas identidades como mulheres negras e para um olhar positivo sobre sua negritude.

4.5 Mudar sem precisar esconder a minha ancestralidade: as tranças como “ferramenta” estética e de identificação

Na busca por identificação e experimentações estéticas as entrevistadas revisitaram as tranças, o penteado que inicialmente era utilizado na infância, para elas

¹² Palavra da língua Iorubá que significa cabeça

remetendo às estratégias de combate ao racismo na escola. Mina fala sobre a ressignificação do penteado:

Quando usei tranças na vida adulta eu ressignifiquei um penteado que servira para ter meu cabelo preso, revisitei esses mesmos penteados e entendi que eles têm origem e não só ser prático, quando trancei o cabelo virei o espelho de Oxum¹³ pra mim e através das tranças entendi toda a história do povo preto em fragmento no Brasil.

A conexão da trança com o sentimento de orgulho ancestral também foi falado por Dalva e Nakia. A primeira fala sobre as tranças como: : “A possibilidade de mudar sem precisar esconder a minha ancestralidade”. Nakia se estende um pouco mais:

A trança, o trançar o cabelo com as diferentes estilizações tá pra além da moda, é uma questão estética histórica, pra mim essas conexões com a ancestralidade são importantes, dizem que o futuro é ancestral e nosso trançado também é ancestral.

Para Djamila as tranças e a utilização delas na vida adulta tem conexão íntima com os processos de aceitação e acolhimento de eventos da sua infância nos quais foi discriminada pelo seu cabelo, como fica evidente na fala:

Quando me vi a primeira vez de cabelo trançado na vida adulta, depois de muito tempo e muitos processos, eu me achei maravilhosa, foi um sentimento diferente do da infância, novo, consegui me ver de outro jeito, foi uma sensação de cura.

Nas diferentes falas percebi que as tranças têm, para as entrevistadas, um papel organizador dos sentimentos, trançar o cabelo para elas é um processo de autocuidado e olhar para si. Durante a entrevista Preta Mina falou sobre a sua relação com as tranças, trazendo ao penteado um significado simbólico de cura, segundo ela: “Quando eu não estou cem por cento eu tranço o cabelo, é como entrar em um estado de cura, como se eu estivesse trançando e organizando o que não tá bom e depois soltasse pro mundo”.

A relação entre o trançado e os pensamentos também foi trazida na fala de Dalva “ O cabelo é jardim que protege o Ori, quando estou trançando estou cuidando

¹³ Orixá cultuada no Candomblé que representa sabedoria, poder feminino e amor próprio.

da minha cabeça, dos meus pensamentos, sempre quando penso nas tranças faço essas conexões: cabeça, cabelo, Ori e pensamentos”.

Durante as entrevistas, observei que as entrevistadas possuem um vínculo ancestral com as tranças. Hanna, por exemplo, ao falar de sua ligação com as tranças também falou que a utilização do penteado por pessoas brancas, que para ela, causa uma perda do significado e da história por trás da técnica de trançar, tornando-se apenas uma tendência de moda.

Elas usam né [risos], quem tem dinheiro coloca, mas a gente sabe que pra gente é diferente, a gente sabe da história, a gente sabe o peso que é carregar uma trança no cabelo como faziam as nossas ancestrais, isso elas não têm e nunca vão ter, isso só quem é negro sente.

Existem também atos simbólicos por parte das trançadas e das trancistas com o objetivo de inibir a popularização das tranças para além da comunidade negra, segundo Hanna “não quero proibir ninguém de usar mas sempre que uma preta tá de trança ela precisa se preocupar se vai ser aceita no emprego, se não vão olhar feio na rua, mas se elas usam vira capa de revista”. Hanna continua sua fala relembrando:

Esses dias eu vi no Twitter uma trancista que fez só o lado da trança de uma mulher branca e cobrou R\$ 100, nos comentários as pessoas falavam se concordavam ou não e a trancista disse que ela não ia negar cliente, mas que eles iam ter que pagar pelo serviço dela. Eu dei risada, errada ela não tá.

É relevante destacar que a técnica do permanente afro, que busca deixar os cabelos cacheados mais soltos, é cobrada com valores mais altos, nos salões brancos com a justificativa de que o processo teria maior dificuldade para ser realizado. Sendo assim válidas as diferenças dos valores para trançar pessoas brancas nos salões afro.

Durante as entrevistas percebi que o processo de ressignificação das tranças para as entrevistadas, que revisitam o penteado da infância, foi uma forma de conexão com suas raízes ancestrais. As tranças são vistas, por elas, como um processo de autocuidado, cura e organização dos sentimentos. As entrevistadas falaram sobre a importância das tranças como sendo um processo de acolhimento aos eventos traumáticos da infância, além de destacarem a conexão entre trançar o cabelo e cuidar

dos pensamentos. A popularização das tranças por pessoas brancas foi vista problemática por significar, para elas, a perda do significado histórico e simbólico do penteado.

4.6 Eu me via em tudo ali: os espaços dos salões afro e a identificação

Nas entrevistas percebi que foram trazidas as mais diversas experiências com os salões da infância e adolescência das entrevistadas. Foi unânime entre as falas delas o rompimento com esses espaços após o início da transição capilar, Nakia relata sobre o rompimento com os espaços dos salões brancos:

Eu frequentava o salão do T*¹⁴ desde pequena, minha tia me levava, mas depois da transição percebi que ele só sabia cuidar do crespo para alisar e não do crespo para ser crespo, foi quando parou de fazer sentido pra mim estar naquele espaço. Por falta de referências de salões especializados em cabelo como o meu, eu parei de ir, fazia tudo eu mesma em casa, também tinha o medo de tocaram na minha cabeça e destruïrem o que demorei pra cultivar.

Neste ponto da análise percebi que o rompimento com os salões brancos para as entrevistadas teve origem na busca pela quebra com o sistema de opressão da branquitude, Cardoso (2010) fala sobre a branquitude como uma categoria construída socialmente e não de forma biológica:

A branquitude é um lugar de privilégios simbólicos, subjetivos, objetivo, isto é, materiais palpáveis que colaboram para construção social e reprodução do preconceito racial, discriminação racial “injusta” e racismo.

Após o rompimento com os espaços dos salões brancos houve, através da transição capilar, o primeiro contato das entrevistadas com os salões afro. Tal iniciação ocorreu pela busca por profissionais trançistas, sendo que Nakia fala sobre sua primeira experiência em um salão afro:

A experiência me tirou daquele lugar de salão clássico, com um espelho, um monte de tesouras, de tinta, são outros materiais que

¹⁴ Supressão do nome

ficam expostos e dispostos, estruturas que são mais enxutas também, eu fui entendendo a pluralidade de ter um salão pra cabelos crespos.

Nakia continuou seu relato sobre os salões afro como espaços para cuidados com cabelos cacheados e crespos, que carregam elementos que para ela criaram a sensação de identificação e pertencimento.

Lembro de chegar muito encantada, abri a porta, fui chegando, dei oi, fui recebida, sentei na cadeira e na hora que me virei comecei a ver na parede “negro é lindo”, “*black is power*”, fotos com referências de artistas negros brasileiros e de fora do Brasil.

Durante a entrevista Preta Mina falou sobre a sensação de pertencer ao espaço pelo sentimento de conexão com as trançistas que estavam no salão: “Chegar em um lugar só com pessoas pretas foi um mundo novo, elas tinham uma energia para tocar no meu cabelo, por que é aquilo [risos] mão tem energia, não é assim para tocar na minha cabeça”. A partir das falas das entrevistadas identifiquei que a ressignificação da relação com o salão a partir dos espaços afro tiveram papel de rompimento com as lembranças de pouco cuidado e afeto vivenciadas pelas entrevistadas, nesse contexto o salão afro tornou-se um lugar de acolhimento, Nakia comparou suas experiências em salões afro e em salões brancos:

Acho que tem esse lugar do aconchego que eu não sentia quando eu estava naqueles lugares cheios de posters de mulheres loiras com Chanel de bico e franja. Eu ficava vendo alguma coisa que tava passando na Globo e pensando “eu só quero sair lisa daqui e ir embora”. Eu senti uma relação de afeto diferente, até porque trança dói então tem que ter jeito, avisar que vai doer, um cuidado, também acho que isso vem de um lugar de que só nós mulheres pretas nos olhamos, como só a gente se escuta, de como a gente fala umas com as outras.

Outra fala que me chamou atenção durante as entrevistas é que o espaço do salão não necessariamente precisava atender expectativas físicas e estruturais para que as entrevistadas se sentissem acolhidas, Natalia trouxe exemplos da desconstrução do seu olhar sobre o salão:

Eu fui indo e passei a não me importar se o salão era reconhecido ou não, se era a maior trançista dessa cidade ou não, fui vendo que se

tem espaço pra trabalhar que muitas vezes é uma cadeira e uma almofada pra ti sentar no chão pra trançar e conversar vai servir desde eu me sinta cuidada.

Cuidado e acolhimento foram palavras que apareceram em muitas entrevistas quando pedi para descrever a sensação de estar em um espaço específico para cabelos cacheados e crespos, o fato é que muitas entrevistadas buscaram nos salões afro resgatar o afeto que não sentem que existiu a longo do seu processo com seus cabelos, o que fica evidente na fala de Djamila.

As trancistas eram mulheres negras, as clientes também eram mulheres negras, só por isso eu já senti um conforto maior de saber que ia ser cuidada, por que aquelas mulheres tiveram vivências iguais às minhas e sabem pelo que eu passei, eu me sinto em casa e me vejo em todo lugar, eu tava me vendo ali, nos quadros, nas profissionais e nas músicas.

As entrevistadas também falaram com orgulho do papel empreendedor dos salões afro gerenciados por mulheres negras, através da percepção da importância de fomentar esses espaços Djamila também abordou o conceito de *Black Money*¹⁵: “hoje pra mim um requisito pra frequentar um salão é que a dona seja negra, a gente tem que colocar o nosso dinheiro na mão das nossas”.

Nakia em sua fala sobre as afroempreendedoras donas de salões exemplifica como esses espaços ressignificam o lugar da mulher negra dentro do contexto estético em nossa sociedade.

Eu gosto de ver mulheres negras trabalhando com o que elas gostam de fazer, não em lugares que é o que tem, os lugares de estética têm muito isso, as vezes a gente vê a mulher negra no salão mas é auxiliar do cabeleireiro, auxiliar da manicure, então ver uma mulher negra gerenciando seu próprio espaço é algo que me inspira. Poder gerenciar o seu espaço e fazer a sua grana eu acho muito legal e através dessa continuidade da cultura negra mais ainda.

¹⁵ Expressão trazida do inglês de forma ressignificada para denominar a ação de a comunidade negra consumir produtos e serviços de empreendedores negros.

A partir do olhar empreendedor Hanna trouxe um novo significado de resistência para as tranças conectado ao trabalho:

As tranças sempre foram sinônimo de resistência, agora de formas diferentes, antes eram usadas como mapas e o lugar onde se escondiam os grãos que eram alimento na fuga para os quilombos, hoje a resistência é que o trabalho da trancista muda a realidade de mulheres negras, da subsistência para uma família toda. Minha irmã é trancista e através do trabalho dela eu consegui estudar, comer e viver bem, isso é resistência.

A partir das entrevistas realizadas com mulheres que passaram pela transição capilar, foi possível perceber a importância da resignificação dos espaços de salão de beleza para elas. O rompimento com os salões brancos ocorreu após a transição capilar, pois os profissionais não sabiam lidar com o cabelo crespo. A partir da busca por trancistas, as entrevistadas encontraram nos salões afro um lugar de acolhimento e pertencimento. A desconstrução do olhar sobre o salão foi fundamental para que essas mulheres percebessem que não era necessário um espaço físico ou estrutural específico, mas sim, que fossem cuidadas e acolhidas. O afeto e cuidado foram palavras que permearam as entrevistas, e o salão afro se tornou um espaço de resgate de afeto que muitas dessas mulheres não tiveram durante o processo de conhecer seus cabelos.

4.7 Minha única relação monogâmica é com a minha trancista: a relação entre trancista e mulheres trançadas

Um dos elementos centrais que foram trazidos para compreender as dinâmicas que envolvem o sentimento de pertencimento dentro dos salões afro foi a relação com a trancista. Trancistas são mulheres que gerenciam seus espaços e fornecem trabalhos de tranças. As entrevistadas relataram suas experiências de escolha da profissional e o que mantem essa relação.

Natália contou sobre sua relação com a atual trancista que já dura três anos, durante a entrevista ela relembrou que a profissional que cuida seu cabelo hoje foi a segunda pessoa que a trançou: “Primeiro eu fui em um salão que eram duas trancistas, uma pegava meu cabelo de cada lado, não vou te mentir foi rápido, mas

não teve conversa, isso me fez não querer voltar lá”. Quando perguntada sobre como conheceu atual trancista Natália lembrou:

Depois daquela experiência eu fiquei procurando outras profissionais nas redes sociais, ficava olhando as meninas que eu conhecia e vendo se eu gostava do trabalho até que encontrei a C^{16*}, as primeiras vezes eu fui no salão dela, hoje fazem três anos que só ela toca na minha cabeça. Ela já virou minha amiga, quando eu tô sem tempo ela vem aqui na minha casa pra me trançar, traz a filha dela pra brincar com o meu filho, eles também já são amigos.

A relação com a trancista foi trazida nas falas como uma construção de compreensão mútua que vai além da pura dinâmica monetária da função. Nakia relata como foi sua primeira experiência com sua atual trancista:

Eu vi nas redes sociais o trabalho dela e marquei, lembro que a experiência inicialmente foi péssima, por que no dia estava um frio de 4 graus e deu todo um problema por que ela estava com o filho e eu lá no salão esperando morrendo de frio, sem saber de todo esse contexto por que ninguém me atendia, eu já tava furiosa, no fim das contas conversamos muito e a gente precisa entender que a mulher tem um filho, que na época era pandemia e as creches estavam em restrição, então também é importante a gente entender o contexto de pequenas empreendedoras, não é aquele salão que tem hora pra entrar e pra sair. A partir da conversa que tivemos que foi muito aberta falamos sobre o salão, ela acendeu um incenso e perguntou se eu era de religião, falamos de religião de matriz africana, falamos do filho dela, sobre os meus estudos e dali surgiu uma relação que me deu vontade de voltar, não só a trança ficou linda mas eu gostei daquelas pessoas então depois disso todas as vezes que trançei foi com ela, a gente troca muita ideia, então construímos uma relação pra além do trançar, vou lá passo horas conversando e nem vejo o tempo passar.

Durante as falas compreendi que a identificação de vivências que trancistas e clientes possuem acaba aproximando e estabelecendo no espaço dos salões uma relação de cumplicidade, compartilhamento e fidelidade, que vai para além do ofício. Isso ficou evidente na fala de Hanna: “ela sabe todos os meus traumas, as quedas de

¹⁶ Supressão de nome

cabelo, meus processos, então é trauma mesmo eu não quero que ninguém além dela toque no meu cabelo”.

Para as entrevistadas, a união e fidelidade com as trancistas ultrapassa a prática de frequentar os salões como elemento puramente estético. Essa relação está ligada à busca pela superação de opressões, onde a união entre elas é o elemento central para alcançar esse objetivo. Segundo Gonzalez (1988) o feminismo negro deve ser construído através de um olhar de valorização para as experiências e perspectivas de mulheres negras, e que sua união é fundamental para lutar por mudanças significativas na sociedade. Para a autora, sem cumplicidade e união entre as mulheres negras, não haverá libertação.

A fidelidade ao trabalho da trancista foi um elemento trazido por todas as entrevistadas as quais tiveram no máximo duas trancistas ao longo da sua vida, Nakia em sua fala:

Teria várias trancistas que eu poderia experimentar, mas aquele lugar se tornou um espaço seguro, eu me sinto à vontade pra ser eu e estar eu. Minha única relação monogâmica é com a minha trancista [*risos*], encontrei uma mina preta que faz um trampo que eu gosto, que tem afinidades políticas com as minhas.

Quando perguntadas sobre o que faria elas deixarem de trançar com a atual trancista ou parar de frequentar o salão as respostas tiveram conexão com as percepções de mundo das entrevistadas, ou seja, para elas é necessário que a trancista tenha também conexão com as suas crenças políticas, religiosas e sociais. Como diz Nakia:

Eu não vou deixar uma mina que seja bolsonarista me trançar, pra mim o estético, o social e o político estão juntos o tempo inteiro. A trancista precisa ter referências das religiões de matriz africana, tem que cuidar quem toca no teu Ori, tá cuidando? Tá pressionando? Existe uma necessidade de cuidado e isso me marca.

Ainda sobre a escolha da trancista Djamilia fala como as experiências em salões brancos na época de alisamento marcaram e moldaram a sua escolha por uma trancista:

Pra mim a trancista tem que ser negra, é de um lugar de medo mesmo que eu falo, sempre quando pessoas brancas tocam no meu cabelo ou foi para modificar ou foi para me ridicularizar e eu não quero mais essas mãos no meu corpo.

Ficou evidente que a relação das entrevistadas com as trancistas foi um elemento de fortalecimento, muitas relataram que a relação com o cabelo e a construção dos seus processos de autoestima foram uma jornada de muita solidão e que através dos espaços dos salões afro e da relação com as trancistas sentiram-se apoiadas, fato trazido na fala de Hanna:

Muitas de nós fomos as primeiras na família a passar pelo processo de transição, a questionar a estética que estava imposta aos nossos corpos e isso fez o caminho ser solitário, já existe a solidão de sermos poucas nos espaços, de muitas vezes sermos preteridas nos afetos então encontrar alguém que nos apoia e ajuda torna o caminho menos árduo.

A partir das entrevistas compreendi as dinâmicas que envolvem o sentimento de pertencimento nos salões afro e a relação das clientes com as trancistas. Observei que a relação entre estas duas é uma construção de compreensão mútua que vai além da dinâmica técnica ou monetária da função. A identificação de vivências que trancistas e clientes possuem acaba aproximando e estabelecendo no espaço dos salões uma relação de cumplicidade, compartilhamento e fidelidade, que vai para além do ofício de trançar. A fidelidade ao trabalho da trancista também foi um elemento trazido por todas as entrevistadas que tiveram no máximo duas trancistas ao longo da sua vida. A partir disso, pode-se concluir que a relação entre trancistas e clientes é uma relação afetiva, de confiança e fidelidade, que ultrapassa o mero aspecto profissional e se torna uma parte da construção social e cultural dessas mulheres.

5. Meu cabelo é minha coroa: Considerações Finais

Durante as vivências compartilhadas pelas entrevistadas, pude perceber um processo de aceitação e amor-próprio se desenvolvendo por meio de suas dinâmicas com seus cabelos, as tranças, as trancistas e os espaços dos salões afro. Esses elementos e relações ajudaram no seu fortalecimento e rompimento com os eventos traumáticos da infância que inicialmente as levaram a ter uma visão negativa de si mesmas.

Como resultado das vivências aqui explicitadas as entrevistadas relataram um profundo sentimento de amor pela sua negritude, após todos os processos que tiveram como ponto central o cabelo. Dentro deste contexto as tranças, os salões e a relação com as trancistas foram elementos simbólicos na construção de identidade dessas mulheres e lugar de apoio para que essas transformações fossem possíveis. Nakia define os processos de aceitação e amor ao seu cabelo como: “Minha afirmação como sujeito no mundo”.

Ao final da entrevista Djamila falou sobre o resultado de frequentar espaços afro e como eles ajudaram para seu processo de aceitação.

Foi fundamental estar no meio de pessoas pretas, todo aquele sentimento de ódio que eu falei no início da entrevista passou, hoje eu tenho amor ao meu cabelo, amor ao meu nariz, a minha pele, amor as minhas raízes e o cabelo foi a chave de tudo.

Todas as entrevistadas falaram com orgulho do seu processo com os cabelos como sendo o ponto de virada nas suas vidas, Preta Mina fez um poema sobre a sua construção com o cabelo para poder expressar suas percepções e emoções:

Ontem eu tive um sonho
sonhei que meus cabelos
eram compridos e volumosos
Como ondas, era o mar
dos meus cabelos.
Mas eu raspei, dei adeus

A histórias antigas, tentando encontrar a primeira.

Dei adeus a quem eu era tentando me encontrar.

Adeus alisamento, agora deixar crescer

Nunca mais prender.

Eu dei adeus aos agrotóxicos impostos ao meu corpo feminino.

Eu raspei e virei terra,

terra sem fruto, mas com solo fértil.

Estar sem cabelo, sem raiz é como estar sem uma parte do meu passado.

Preta personagem sem livro.

Eu sou cacto que resiste com pouca água.

Eu sou alvo para quem aponta a arma.

Mas eu tô me regando em jornadas passadas,

trilhas dobradas.

Até por que antigamente em papel e caneta negro

não tocava.

Eu sei pouco sobre o que passou,

mas eu vivo as consequências, agora com uma diferença.

Eu tenho papel e caneta.

Eu só não tenho o tempo ao meu favor

Eu tenho a morte ao meu lado,

eu tenho medo, eu tenho dor.

A cada 2 horas uma mulher morre.

23 minutos, lá se vai um jovem negro.

A cada 3 minutos no Brasil,

Um LGBTQIA+ sofre violência.

Eu?

Eu não tenho tempo.

Mas o meu cabelo tá crescendo

O MEU CABELO DURO, é!

Minha coroa, proteção do meu Ori.

Minhas importâncias

As minhas lutas

Isso tá crescendo dentro de mim.

De semente eu quero virar árvore,

Mesmo que os incomodados tendem a me podar.

Nessa sociedade branca serei ainda mais P R E T A.

Ao longo das entrevistas, as mulheres relataram como o processo de aceitação e amor aos seus cabelos foi fundamental para a construção de sua identidade e autoestima como mulheres negras. Os salões afro e as trançistas foram elementos simbólicos e de apoio nesse processo, em que elas puderam se conectar com suas raízes e cultura. O cabelo se tornou a chave para a afirmação de sua identidade e lugar de resistência diante de uma sociedade que ainda carrega muitos preconceitos e opressões em relação à negritude. Através das vivências relatadas, fica evidente que para as entrevistadas o salão e as dinâmicas relacionadas ao cabelo foram importantes, espaços seguros para o fortalecimento e empoderamento da percepção de si.

Dessa forma, entendo que alcancei os objetivos deste trabalho de conclusão de curso, que buscou: 1. conhecer a história de mulheres negras em relação aos seus

cabelos e tranças; 2. identificar que a construção da identidade dessas mulheres se deu através da ressignificação de eventos de preconceito vivenciados na infância e do orgulho pelo cabelo; 3. analisar que a relação entre as mulheres trançadas e as trançistas vai além do aspecto técnico e financeiro e é baseada em afeto e trocas durante o processo de trançar; 4. compreender que a relação das mulheres trançadas com os espaços dos salões afro é fundamental na construção de sua identidade, por meio do compartilhamento de afeto e identificação com esses espaços; e 5. analisar que as tranças, o ofício de trançar e os espaços dos salões afro são símbolos importantes para a construção de autoestima e identidade das mulheres negras.

Como proposta de trabalhos futuros sugiro um olhar para a compreensão do movimento *Black Money*, termo que inicialmente servia para denominar dinheiro obtido por meios ilegais e foi ressignificado para um movimento que busca estabelecer um ecossistema de empoderamento de empreendedores negros, incentivando o ideal de manter o dinheiro circulando entre a comunidade negra, promovendo assim um sistema de valorização dos negócios gerenciados por empreendedores negros.

REFERÊNCIAS

CUCHE, Denys. **O Conceito de Cultura nas Ciências Sociais**. Tradução de Viviane Ribeiro. 2 ed. Bauru: EDUSC, 2002.

Hall, S. (2006). **A identidade cultural na pós-modernidade** (11ª. Edição). São Paulo: DP&A.

SILVEIRA, A. C. M; RONSINI, V. M. **Representação e Identidade: três estudos em comunicação Santa Maria, RS, FACOS-FIPE-UFSM, 2001.**

SOUZA, N. S.. **Tornar-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social** Rio de Janeiro: Zahar . 1983

GOMES, Nilma Lino, **Sem perder a raiz: Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Minas Gerais. Autêntica, 2006.

HOOKS, Bell. **Alisando o nosso cabelo**. Revista Gazeta de Cuba – Union de escritores y artista de Cuba, Tradução Lia Maria dos Santos, p. 1-8, Jan-Fev. 2005. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/alisando-o-nosso-cabelo-por-bell-hooks/#axzz3ZBBwtlph>. Acesso em: 9 set. 2022.

MELO KING, Ananda. **Os cabelos como fruto do que brota de nossas cabeças**. Geledés Instituto da Mulher Negra: São Paulo, 2015. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/os-cabelos-como-fruto-do-que-brota-de-nossas-cabecas/>. Acesso em: 20 de jul. 2022.

FERREIRA, R.F e CAMARGO , A.C. **As relações cotidianas e a construção da identidade negra**. Psicologia: Ciência e Profissão [online]. 2011

CLEMENTE, A.F. TRANÇA AFRO – **A cultura do cabelo subalterno**. 2010, 15 p.(Monografia) - Universidade de São Paulo - USP Escola de Comunicações e Artes – ECA Centro de Estudos Latino Americano sobre Cultura e Comunicação – CELACC Curso de Especialização em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos, São Paulo.

SANTOS, Jocélio Teles. **O negro no espelho: imagens e discursos nos salões de beleza étnicos.** Estudos afro-asiáticos. Rio de Janeiro, 2000.

SANTOS, L. **Etnografia do cotidiano profissional de trançadeiras afro: apontamentos aspectos éticos, estéticos e identitários.** Rio de Janeiro, 2019.

BELEZA AFRO: INVESTIGAÇÕES ETNOMATEMÁTICAS SOBRE O FAZER / SABER DE TRANÇADEIRAS NEGRAS. X Seminário Redes Educativas e Tecnológicas, 2019. Disponível em https://www.academia.edu/39745286/PROCESSOS_EDUCATIVOS_NO_CONTEXTO_DO_S_SAL%C3%95ES_DE_BELEZA_AFRO_INVESTIGA%C3%87%C3%95ES_ETNOMATEM%C3%81TICAS_SOBRE_O_FAZER_SABER_DE_TRAN%C3%87ADEIRAS_NEGRAS

SANTOS, L. **Etnografia do cotidiano profissional de trançadeiras afro: apontamentos aspectos éticos, estéticos e identitários,** 2019 10.13140/RG.2.2.17748.35209.

GOMES, N. L. **Sem perde a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GODOY, Arilda Schmidt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades.** RAE - Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GIL, A. C. **Método e técnicas de pesquisa social.** 6ª. ed. São Paulo: Atlas S.A, 2008.

MACEDO, Cibele Mariano Vaz de e ANDRADE, Regina Glória Nunes. **Imagem de si e Autoestima: A Construção da Subjetividade no Grupo Operativo.** Psicol. pesq. [online]. 2012, vol.6, n.1, pp. 74-82.

Branden, N. (2000). **Auto-estima: como aprender a gostar de si mesmo.** São Paulo: Saraiva.

MAGGI, Carolina. **Transição do alisamento para o cabelo natural pode ser feita sem traumas**. Geledés Instituto da Mulher Negra, 2015. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/transicao-do-alisamento-para-o-cabelo-natural-podeser-feita-sem-traumas6/>>

CARDOSO, Lourenço. **Retrato do branco racista e anti-racista**. Disponível em: <http://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/viewFile/1279/1055> , 2010.

GONZALEZ, Lelia. "**Por um feminismo afro-latino-americano**". Caderno de Formação Política do Círculo Palmarino, n.1, 2011, p.11-20. "A categoria político-cultural de amefricanidade". In: Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, n.92-93 (jan-jun), 1988, p. 69-82.

COUTINHO, Cassi Ladi Reis. **A Estética e o mercado produtor-consumidor de beleza e cultura**. 2011.

VIANA, Aleksana. **Como Saber Seu Tipo de Cabelo**. Tua Saúde (Site), 2015.

APÊNDICE

Cabelo afro e as tranças
<ol style="list-style-type: none">1) Me fale um pouco do histórico de sua relação com o seu cabelo.2) Me fale um pouco sobre como tu te sentes em relação ao teu cabelo nesta fase de vida.3) Me fale um pouco sobre o processo de decidir trançar o cabelo.4) Me fale um pouco sobre o que a trança (estar com o cabelo trançado) simboliza/representa para você neste momento de sua vida.5) Tu pensas em parar de fazer as tranças? Fale um pouco sobre isso.
Relação com as Trancistas
<ol style="list-style-type: none">1) Me fale um pouco sobre suas experiências com trancistas, se for o caso, finalizando com sua história com a escolha de sua trancista atual.<ol style="list-style-type: none">a. Como você conheceu sua trancista atual?b. Há quanto tempo você faz trança com ela?c. O que faz você continuar sendo cliente dessa sua trancista?2) O que faria você mudar de trancista?
Relação com o Salão (Afro)
<ol style="list-style-type: none">1) Me fale um pouco sobre suas experiências com salões de beleza (afros e não afros), se for o caso, finalizando com sua história com a escolha de seu salão atual.2) Me fale coisas que você gosta nesse salão que você frequenta. E as que não gosta?3) Como você se sente como mulher negra nesse salão? Que elementos desse salão tu acredita que acionam essas sensações?4) O que faria você mudar de salão?
Escolha do Cabelo
<ol style="list-style-type: none">1) Me fale um pouco a escolha pela compra do cabelo<ol style="list-style-type: none">a. Corb. Materialc. Estabelecimento de compra